

Prezadas Leitoras e Prezados Leitores,

O número especial sobre Jean-Jacques Rousseau, publicado pela Revista Cadernos de Pesquisa apresenta textos importantes de algumas conferências proferidas durante o I Congresso Nacional Jean-Jacques Rousseau UFMA: Diálogos & idiossincrasias promovido pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Interdisciplinar Jean-Jacques Rousseau UFMA (CNPq) que no ano de 2016 completa 10 anos de existência, Departamento de Filosofia e Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade – Mestrado Interdisciplinar. Organizado pelo GEPI Rousseau da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e patrocinado pela FAPEMA, na cidade de São Luís (MA) em abril de 2014, o congresso foi um enorme sucesso de público e de discussões sobre as questões suscitadas em torno do filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau. Ultrapassou todas as expectativas, pois atingimos o número de mais de 1.000 inscritos, além de mais de 600 pessoas para cada minicurso. O Congresso conseguiu integrar orientandos da iniciação científica, da Graduação, da Pós-Graduação, bem como de pesquisadores da comunidade acadêmica cujas pesquisas se relacionavam à obra do pensador genebrino Jean-Jacques Rousseau. Mas também, conseguiu reunir diversos pesquisadores de variadas áreas do conhecimento, pois o Congresso foi eminentemente interdisciplinar. Havia estudantes e professores de diversas Universidades Estaduais, Federais e Privadas de todo o Brasil, possibilitando um ambiente de alto nível acadêmico com as Conferências, as sessões de comunicações, as mesas redondas e seus minicursos. Além disso, o Congresso trouxe à Universidade Federal do Maranhão dez professores de renome nacional e internacional para participar ativamente do Congresso Rousseau. Portanto, o congresso conseguiu abarcar a diversidade de trabalhos e reflexões desenvolvidas atualmente no Brasil acerca da filosofia de Rousseau e suas implicações com as ciências humanas e sociais, e, nessa perspectiva, o I Congresso Nacional Rousseau inseriu a Universidade Federal do Maranhão no debate nacional sobre os temas estudados acerca desse autor.

O filósofo Rousseau praticou uma variedade de diálogos possíveis com diversos ramos do conhecimento. Segundo o próprio, todos objetivando atingir os mesmos princípios, apenas mudando o tom e variando na escrita, passando por obras de política, de educação, peças musical e teatral, contos, romance de amor, além de seus monólogos e uma vasta prática epistolar que, juntamente com os textos de apologética, compõe o gênero da memória.

Esses múltiplos diálogos travados pelo filósofo não resultariam exatamente da excentricidade de suas idiossincrasias, principalmente, o fato de seus discursos dependerem de gêneros tão variados como um livro de filosofia política, um tratado de educação, um romance, uma autobiografia?

Talvez, afinal, o pensador nascido em Genebra propôs questões que ainda tomam conta das polêmicas contemporâneas, como a validade da democracia, uma educação mais atenta às particularidades de cada indivíduo ou o estatuto ambíguo que é proporcionado pela linguagem. Filósofo que inspirou a Revolução Francesa, com seu Contrato Social, foi um defensor da vontade do povo, mas considerava a democracia uma temeridade. Autor da Nova Heloísa, romance epistolar que foi o grande Best-seller do século XVIII; além de ter sido o filósofo que revolucionou o ensino com a obra Emílio ou Da Educação, ao defender que o conhecimento é, antes de tudo, um produto dos sentidos e dos sentimentos, e não da razão.

Dessa forma, são questões como essas expostas aqui, que podemos insistir na leitura e discussão de seus textos, tanto por meio de suas idiossincrasias, quanto por meio de inúmeros diálogos travados com uma infinidade de autores de diversas áreas do conhecimento.

Portanto, os artigos que trazemos a público, no número especial da Revista Cadernos de pesquisa, refletem as temáticas relacionadas tanto as idiossincrasias quanto aos diálogos acerca da obra do autor e oferecem ao leitor uma pequena mostra das conferências apresentadas por pesquisadores durante o I Congresso Nacional Jean-Jacques Rousseau UFMA: Diálogos & Idiossincrasias.

Em “Escritura, Verdade, Virtude”, Maria Constança Peres Pissarra investiga a relação que há entre a própria escritura do autor genebrino, a proclamação de verdades e a exaltação da virtude em suas obras autobiográficas, pois é inteiramente possível, como observam alguns comentadores, que a predisposição em escrever sobre sua vida tenha uma relação direta com a má sorte dos seus textos: O Contrato Social e O Emílio. No entanto, ao escrever Os devaneios do caminhante solitário, dando prosseguimento a sua máxima *Vitam impendere vero*, o autor reconhece que o Conhece-te a ti mesmo do templo de Delfos não seria uma máxima tão fácil de seguir quanto acreditara em suas Confissões.

O professor Luciano da Silva Façanha, em “Os silêncios poéticos das prosas: Rousseau por Sartre”, explicita, por meio de Sartre que os poetas são homens que se recusam a utilizar a linguagem, mesmo utilizando-a constantemente, a exemplo de Rousseau. E Maurice Blanchot, ao falar da questão literária e da linguagem, nos diz que estas singularidades na literatura nascem com Rousseau. Estes homens vivem numa crise da linguagem que eclodiu numa crise poética, provocada, precisamente, por suas atitudes poéticas. E numa célebre observação de Bergson ao perceber que os escritores, ao abordarem sobre a linguagem, dentre eles o Rousseau, fazem isto com um sentimento de estranheza extremamente frutífero, acabam dando vazão a uma crescente produção de suas obras.

No texto “Duas perspectivas sobre o progresso: Voltaire e Rousseau”, Edmilson Menezes explica que a consciência moderna da história encontra em Voltaire e Rousseau duas expressões decisivas para avaliar o nexos entre a vida socialmente organizada e a moral inseridas na trajetória dos homens em vista do seu aperfeiçoamento. E apresenta essas duas propostas tendo em vista associar a ideia de progresso ao quadro referencial da filosofia da história moderna.

O artigo da professora Zilmara de Jesus Viana de Carvalho intitulado “Considerações sobre a aparência a partir de Rousseau e Kant: aproximações e diferenças” visa analisar o tema do refinamento dos costumes no séc. XVIII à luz do pensamento de Rousseau e Kant, assim como o consequente jogo da aparência que o envolve. Demonstrando que são precisamente as concepções distintas que estes têm acerca do homem e de seu desenvolvimento que definirão as expectativas que ambos possuem em relação à espécie.

Em “Rousseau e Maquiavel, pensadores republicanos”, Renato Moscateli apresenta o tema da república como um eixo fundamental em torno do qual Nicolau Maquiavel e Jean-Jacques Rousseau desenvolveram suas respectivas reflexões sobre a política, explicando que as obras do escritor florentino serviram de referência para o filósofo de Genebra, em diversos momentos.

O escrito “Platão e Rousseau: sobre a alma do governante”, José Assunção Fernandes Leite se propõe a investigar que mérito é esse recebido por alguns homens para que possam governar. Recorre a Rousseau em suas reflexões políticas, mais precisamente, no primeiro livro Do Contrato Social, ao expor sobre de quem deveria ser a responsabilidade de pensar sobre as formas de governar, mas também a Platão como contraponto ao filósofo iluminista, ao utilizar-se do conceito de alma e suas potências para legitimar os estatutos de uma cidade justa e o governo do filósofo *n’A República*.

Pedro Paulo da Costa Corôa, em “Kant, Rousseau e as bases estéticas do pensamento”, apresenta como a questão relativa ao gosto pode ser encontrada, enquanto forma particular de juízo, na obra de Rousseau, em especial, no Emílio. Em decorrência disso, tudo o que nós aprendemos sobre a gênese moderna do chamado juízo de reflexão estético, identificado à Crítica do juízo, de Kant, se não exige uma correção, nos obriga, pelo menos, a reconhecer, antes do esforço crítico, o surpreendente e certo tratamento do tema por parte de Rousseau.

Em “Os efeitos da mimese: exame do sentido da festa popular em Rousseau e da transmissão radiofônica em Walter Benjamin”, Sônia Campaner Miguel Ferrari explica que a discussão sobre o teatro, a festa popular e mesmo a transmissão radiofônica insere-se na reflexão mais geral sobre os efeitos da mimese. Para Rousseau o teatro não ensina o homem a ser virtuoso, mas curiosamente pode reforçar seus vícios, ao espelhá-los. Contudo, a autora identifica que Rousseau não rejeita o teatro, e sim apresenta as qualidades do teatro conveniente à república. A principal característica desse espetáculo é a não separação entre espectador e espetáculo. Propõe em lugar desse espetáculo a festa cívica, caracterizada pela “reciprocidade” das vozes que leva a uma superação do isolamento. A partir de tais observações realiza um estudo comparativo entre a proposta do genebrino e a das peças radiofônicas de Benjamin, com as quais o autor apresenta uma nova popularidade que é para ele uma posição fundamental em relação aos novos meios de comunicação.

O professor Sidnei Francisco do Nascimento, em “Filosofia da educação no contexto de Erasmo de Rotterdã e Rousseau”, explicita e atesta algumas semelhanças entre Erasmo e Rousseau, pois concordavam com o cuidado que os pais deveriam ter com a escolha da ama de leite. Criticavam o despotismo dos professores e o método de ensino que não respeitasse a liberdade e a individualidade da criança. Propagavam uma religiosidade sincera e interior sem ritos e formalismos e concebiam como princípio de uma boa educação a formação intelectual e moral baseada em suas concepções sobre a natureza.

Em “A cena pedagógica do cultivo do jardim no Emílio de Rousseau”, Maria de Fátima Simões Francisco analisa a passagem do livro II do Emílio ou da educação de Rousseau, em que o aluno imaginário, nesse momento na segunda etapa da infância, vai ter sua primeira aprendizagem moral, em torno da noção de propriedade privada. A aquisição se dá através da experiência de cultivo de favas num jardim. Dessa forma, encontraríamos uma consistência entre essa apresentação da propriedade ao aluno encontrada no Emílio e o tratamento bastante crítico dado à instituição no Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens, onde é a origem do maior mal das sociedades vigentes, a desigualdade.

No texto “Diálogo possível sobre liberdade e política: Hannah Arendt e Rousseau”, Maria Olívia Serra apresenta a reflexão de Hannah Arendt sobre a compaixão no contexto da Revolução Francesa, com ênfase para a referência a Rousseau. Em sua obra Sobre a Revolução, a autora enfatiza que, a despeito de preconceitos, a liberdade sempre foi o objetivo das Revoluções. Nesse sentido, direciona sua reflexão para as Revoluções Modernas. E ao examinar a Revolução Francesa, Arendt destaca que a opção dos homens da Revolução pela compaixão que foi elevada à categoria de virtude política, foi inspirada em Rousseau.

É na expectativa de que as idiossincrasias acerca do filósofo Jean-Jacques Rousseau e também os ricos diálogos (contrapontos e paralelos) com outros autores travados aqui, tenham apresentado a originalidade do genebrino, que oferecemos ao leitor este número especial da Revista Cadernos de Pesquisa, com o objetivo de suscitar, pela diversidade das temáticas abordadas nos onze artigos inseridos aqui, a apresentação da riqueza e variedade da obra de Rousseau, mas também, o oferecimento de uma excelente introdução aos temas principais de sua reflexão, promovendo ricas discussões em torno do pensamento de um autor que ainda se mostra vigoroso e atual.

São Luís, dezembro de 2015.
Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha (UFMA)